

O pêndulo ideológico no Brasil e no mundo



Gaudêncio Torquato (*)

A eleição de 2018 marcou um dos momentos mais impactantes da nossa política recente: a ascensão de um discurso conservador que galvanizou milhões de eleitores e rompeu a hegemonia progressista.

Hoje, com aquele protagonista central fora do jogo eleitoral por condenações judiciais, mas ainda exercendo influência, o campo da direita busca novas lideranças para manter seu espaço. Do outro lado, a esquerda tenta consolidar a retomada do poder, enquanto o centro procura afirmar uma identidade capaz de se contrapor ao cansaço da polarização.

O conservadorismo, aqui e lá fora, ainda mostra vitalidade. No Brasil, nomes como Tarcísio de Freitas e Romeu Zema são apontados como herdeiros potenciais. No mundo, Donald Trump, mesmo envolto em processos, segue mobilizando metade da América; Giorgia Meloni, na Itália, e Viktor Orbán, na Hungria, demonstram força de governos de direita com forte apelo cultural e religioso.

A esquerda não ficou para trás. Lula mantém a centralidade do discurso esquerdista no Brasil, cercado de quadros de partidos progressistas. No cenário internacional, Pedro Sánchez (Espanha), Gabriel Boric (Chile) e Gustavo Petro (Colômbia) representam a aposta na redistribuição de renda, na justiça social e em políticas inclusivas. O desafio é manter a chama acesa num contexto de crise econômica e de forte desgaste institucional.

E o centro? Esse continua sendo o espaço mais difícil de ocupar, mas também o mais necessário para a governabilidade. No Brasil, Simone Tebet, Eduardo Leite, Geraldo Alckmin e Marina Silva, entre outros, buscam se firmar. No

exterior, Emmanuel Macron encarna o modelo de centro que resiste à maré de extremismos. O problema é sempre o mesmo: o centro carece de carisma e de uma narrativa mobilizadora, ainda que ganhe força quando a polarização se esgota.

Minha leitura é de que, no curto prazo, o conservadorismo manterá ligeira vantagem. O medo da insegurança, a pressão inflacionária e o apelo religioso fortalecem a direita. Mas a história mostra que nada é definitivo: crescimento econômico pode devolver fôlego à esquerda; o desgaste da polarização pode abrir espaço ao centro.

E não esqueçamos dos fatores externos. O Brasil é influenciado pela disputa geopolítica entre EUA e China, pelas crises migratórias, pela guerra da informação que se espalha em fake news globais e pelos fluxos de capital que premiam ou punem políticas nacionais. Estamos inseridos num tabuleiro mundial que condiciona escolhas internas.

Historicamente, o conservadorismo predominou, do Império à República Velha e à ditadura militar. A esquerda conquistou protagonismo mais recente, especialmente nos governos petistas. O centro, discreto, garantiu estabilidade em momentos de transição. A tradição brasileira é a da oscilação, nunca a da permanência absoluta.

O que virá? Creio que o Brasil seguirá como pêndulo: ora mais próximo da direita, ora da esquerda, ora buscando o equilíbrio centrado. Nenhum desses campos está morto; todos disputam corações e mentes. O eleitor brasileiro, como a chama de uma vela em noite de apagão, continuará a oscilar, ameaçando apagar-se em meio a ventos contrários, mas resistindo a permanecer aceso.

(*) Escritor, jornalista, professor titular da USP e consultor político.

Satélites da Starlink seguem caindo

Nos últimos dias, os céus do oeste da América do Norte, da Califórnia ao Canadá, tem sido palco de um espetáculo diferente.

Vivaldo José Breternitz (*)

Moradores da região tem visto rastros incandescentes cruzando o céu, semelhantes a estrelas cadentes. No entanto, não é um espetáculo oferecido pela natureza, mas sim satélites Starlink queimando ao reentrar na atmosfera.

Esses rastros são cada vez mais comuns, pois um ou dois satélites Starlink retornam à Terra diariamente, conforme diz o astrofísico Jonathan McDowell, que foi professor de Harvard e monitora lançamentos e reentradas de objetos espaciais. De acordo com suas informações, a frequência dessas quedas está aumentando.

McDowell estima que em breve poderemos ver até cinco satélites queimando no céu a cada noite, impulsionados pelo crescimento acelerado do número de satélites em órbita baixa da Terra. Esses satélites não são apenas da Starlink, que já lançou cerca de 8,5 mil desses satélites – com a chegada de novos concorrentes, como a Kuiper, da Amazon e os sistemas chineses e russos, acredita-se que, em prazo não muito longo, cerca de 50 mil desses satélites estarão em órbita.

Satélites como esses têm, em média, um ciclo de vida de cinco anos. Quando atingirmos os 50 mil, acredita-se que cerca de cinco deles terminarão sua vida útil a cada dia, voltando então à Terra. Fatores como a atividade solar intensa podem acelerar



Richard_Bartz_de_Pexels_CANVA

esse processo, tendo estudos recentes indicado que satélites Starlink têm reentrado mais cedo do que o previsto durante esses períodos.

McDowell também alerta para o risco da síndrome de Kessler, um cenário de risco em que colisões entre objetos em órbita geram um grande volume de detritos, tornando o espaço próximo à Terra cada vez mais perigoso, com risco para a qualidade das telecomunicações e naves tripuladas, como a ISS.

Embora a maioria desses satélites queimando apenas detritos extremamente pequenos, praticamente inofensivos, a

maioria dos quais cai no mar, a Administração Federal de Aviação dos Estados Unidos (FAA) divulgou um relatório prevendo que, a partir de 2035, a cada dois anos uma pessoa poderá ser ferida ou morta por destroços espaciais.

A única forma eficiente de combater o problema é a remoção ativa do lixo espacial, com o desenvolvimento de tecnologias que capturem os satélites que chegam ao fim da vida útil; até agora, no entanto quase nada foi feito nesse sentido.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjntz@gmail.com.

Durante o mês da Conscientização em Cibersegurança, empresa reforça importância do modelo de maturidade em resiliência de dados

Outubro nos lembra que a conscientização é o primeiro passo para a resiliência de dados, um momento fundamental para reforçar a cibersegurança no ecossistema digital. Com cada vez mais pessoas e organizações utilizando dispositivos conectados à rede, é necessário que todas permaneçam alertas contra ataques cibernéticos sofisticados que visam ao roubo de informações.

Neste sentido, a Veeam Software ressalta o fato de que as táticas de ransomware evoluíram drasticamente na última década. Antes, o malware “locker” apenas impedia o acesso aos sistemas. Hoje, os atacantes utilizam criptografia avançada e exfiltração de dados, técnicas que são quase irreversíveis — sem a chave de descifragem fornecida pelos cibercriminosos, é quase impossível reverter o ataque. Curiosamente, o Relatório de Tendências de Ransomware 2025, da Veeam, revela que, em 2024, organizações pagaram menos resgates que em 2023: 27% afirmaram não ter pago, e 25% desse grupo conseguiram recuperar seus dados sem pagar.

No entanto, apesar desse progresso, o cenário de ameaças continua a se sofisticar. “A cibersegurança é apenas a ponta do iceberg no cenário fragmentado e exposto de ameaças atuais. É vital que os líderes de TI adotem visão completa sobre resposta e recuperação de ataques de ransomware, pois é nesse ponto que o mercado ainda falha”, afirma José P. Leal Junior, country manager da Veeam Software Brasil. Ele completa: “Apesar de celebrarmos o Mês da Conscientização em Cibersegurança há mais de 20 anos, ainda não fechamos a lacuna entre conscientização e prevenção efetiva. Precisamos evoluir para ações



José P. Leal Junior, country manager da Veeam Software Brasil.

concretas que construam uma estratégia holística de resiliência de dados.”

O backup também se tornou alvo

A Veeam chama atenção para um vetor de risco pouco tratado: o próprio ambiente de backup pode ser atacado. A empresa propõe a adoção do conceito Zero Trust Data Resilience (ZTDR), que estende os princípios de confiança zero aos backups e fusões/reversões de dados. Isso significa não conceder confiança automática a nenhum sistema ou componente, inclusive no momento da restauração.

De acordo com aplicação do modelo Data Resilience Maturity Model (DRMM) da Veeam, a empresa verificou que 74% das organizações analisadas ainda estão

nos níveis mais baixos de maturidade em resiliência de dados, o que deixa em aberto brechas críticas para ataques.

Por isso, para mitigar esse risco, Leal Junior recomenda quatro melhores práticas:

- Isolamento estrito entre ambientes de produção e backup
- Backup imutável e criptografado para evitar manipulação maliciosa
- Autenticação de múltiplos fatores (MFA) e controle de acesso granular mesmo no processo de recuperação
- Monitoramento contínuo e testes automatizados de restauração

“Ao priorizar medidas como atualizar sistemas semanalmente e testar backups de forma recorrente — não apenas em outubro — podemos avançar de fato no combate ao ransomware”, reforça o country manager da Veeam Brasil.

Conscientização precisa virar ação

Mais do que lembrar sobre ameaças, é preciso agir. Decisores de TI, CISOs, administradores e executivos devem acompanhar inteligência cibernética confiável e incorporar essas práticas no ciclo operacional. Ransomware, phishing, ataques à cadeia de suprimentos, ameaças internas e comportamentos avançados evidenciam a necessidade de atenção constante às fragilidades atuais.

Durante outubro, a Veeam convida as empresas a participarem de avaliações gratuitas de maturidade de resiliência de dados e a revisarem sua estratégia de proteção sob a lente da confiança zero, transformando consciência em capacidade real de recuperação.

News @TI

Botmaker expande alcance ao disponibilizar plataforma no Google Cloud Marketplace

Botmaker, empresa líder em soluções conversacionais com IA generativa, anuncia que sua plataforma está oficialmente disponível no Google Cloud Marketplace, ambiente global de distribuição de soluções empresariais do Google. A novidade representa um avanço estratégico na expansão global da companhia e reforça seu compromisso em oferecer soluções tecnológicas que impulsionam a transformação digital das empresas (<https://console.cloud.google.com/marketplace/product/botmaker-public/botmaker.whatsapp?hl=en>).

Vivo amplia parceria com Perplexity e oferece acesso gratuito à IA

Vivo anuncia a ampliação da parceria com a Perplexity e passa a oferecer até um ano de assinatura gratuita do plano Pro da plataforma de IA para os clientes Pré-pago e Vivo Easy LITE. Clientes Pré-pago que recarregarem a partir de R\$ 30 nos canais da Vivo receberão 6 meses de gratuidade e clientes Vivo Easy LITE receberão 12 meses do benefício. Com essa iniciativa, a Vivo reforça seu compromisso com a inovação e a transformação digital já que a empresa foi pioneira no setor ao firmar em novembro de 2024 uma parceria exclusiva com a Perplexity no Brasil, disponibilizando o benefício inicialmente para clientes dos planos Vivo Pós-Pago, Controle, Vivo Total, além de planos de TV e Fibra (www.comet.perplexity.ai).

Editorias

Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); *Ciência/Tecnologia:* Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); *Livros:* Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br);

Comercial: comercial@netjen.com.br

Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Webmaster/TI: Fabio Nader; *Edição Eletrônica:* Ricardo Souza.

Revisão: Maria Cecília Camargo; *Serviço Informativo:* Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP: 04128-080

Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: netjen@netjen.com.br

Site: www.netjen.com.br. CNPJ: 05.687.343/0001-90

JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)

Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.